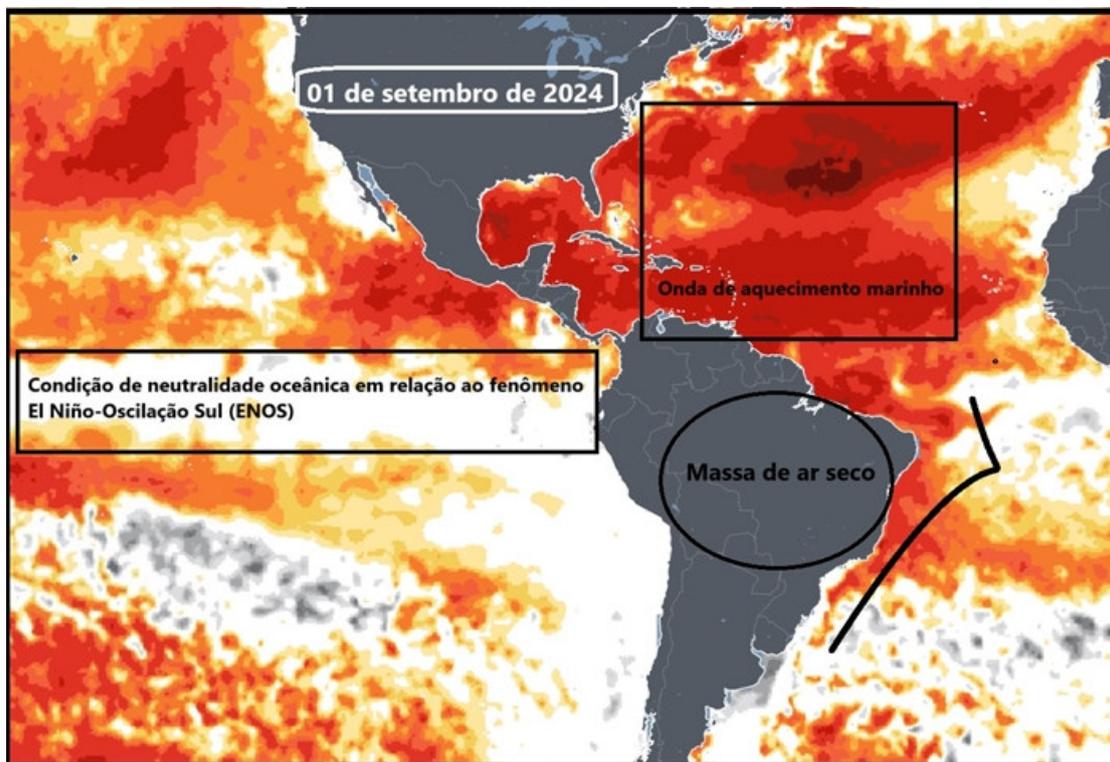


# O que a seca na Amazônia tem a ver com chuvas extremas no deserto do Saara?

Por Letras Ambientais

criado em: 04/09/2024 | atualizado em: 05/09/2024 10h38

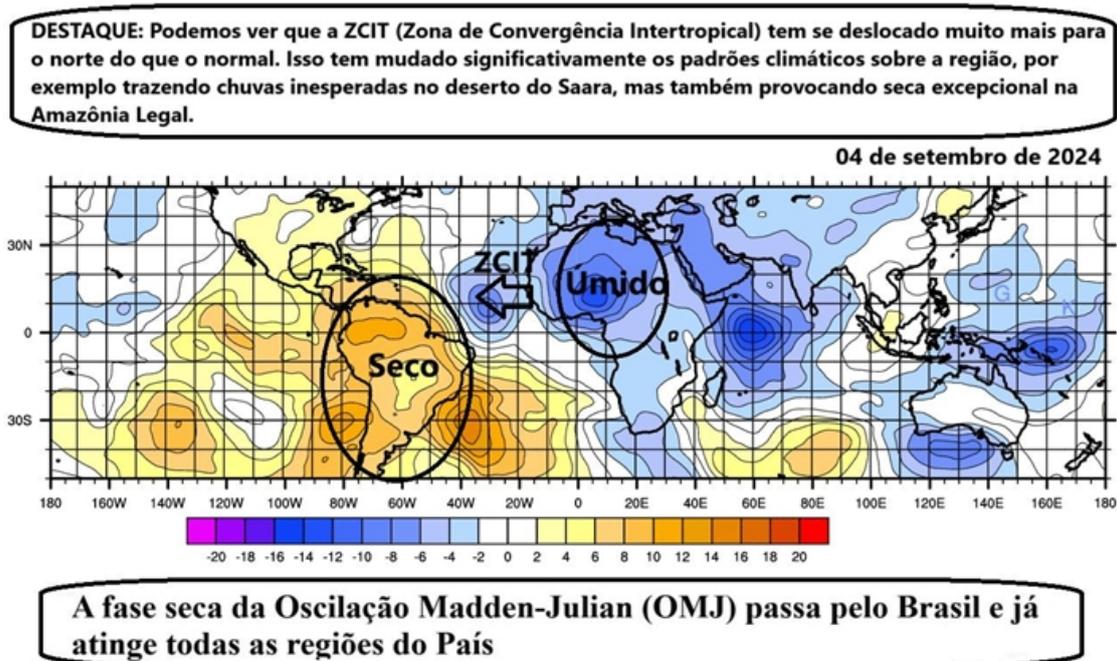


O deserto do Saara, na África, é um dos lugares mais secos do mundo, que normalmente recebe pouca ou nenhuma precipitação anual. Ali, raramente acontece um evento extremo de chuva (menos de uma vez por

década).

O deserto está há milhares de quilômetros de distância do Brasil. Mesmo assim, um fenômeno chamado Oscilação Madden-Julian (OMJ) tem conectado o clima dessas duas regiões. **Trata-se de uma onda de nuvens profundas** que se move-se para o leste, acompanhada de perturbações de tempestades, chuva, ventos e anomalias de pressão.

A passagem da onda OMJ é marcada por uma fase úmida e uma fase seca. A imagem gerada pelo Laboratório Lapis, com dados do dia 03 de setembro, mostra que **o atual pulso seco do fenômeno** passa pela América do Sul.



Outra fase ainda mais seca se aproxima do Brasil, nos próximos dias, **podendo causar altas temperaturas**. A mudança do pulso seco para o úmido pode levar vários dias ou semanas.

Consultamos o meteorologista Humberto Barbosa, do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)) para entender a influência do fenômeno.

Segundo ele, enquanto a fase seca da OMJ tem reduzido chuvas nas regiões brasileiras, **chuvas incomuns se concentram no Saara**. Neste mês de setembro, grande parte do deserto deve receber mais de 500% da precipitação.

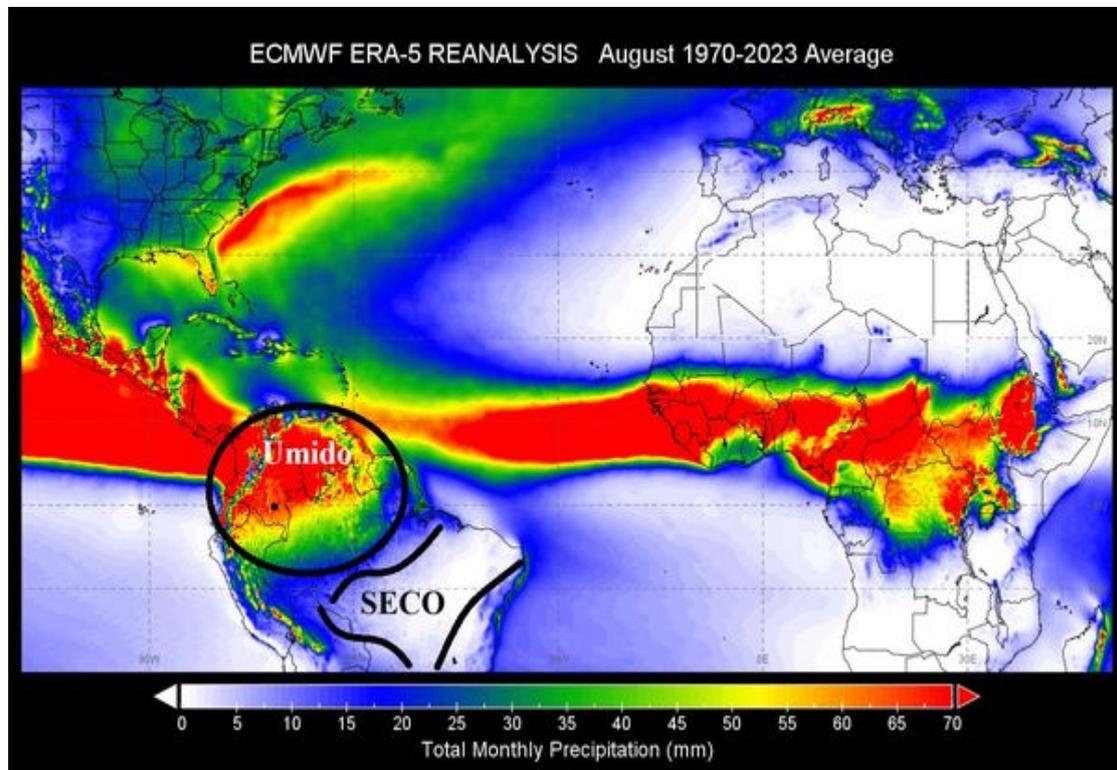
A fase seca do fenômeno atinge todo o Brasil. Com isso, não favorece sistemas causadoras de chuva em setembro. Como você pode ver na imagem, a fase seca da OMJ bloqueia a [Zona de Convergência Intertropical \(ZCIT\)](#). **A umidade não é levada para a Amazônia**, reduzindo as chuvas naquela região.

*“A ZCIT se deslocou mais para o Hemisfério Norte, afastando-se da Linha do Equador. Com isso, as chuvas atípicas aumentaram no deserto do Saara, desde o fim de abril. Isso ocorreu no mesmo período que começou a seca na área central do Brasil”, ressalta Humberto.*

Além disso, a OMJ reduz a influência de sistemas que causam **chuvas intensas nas regiões Sul e Sudeste**, como frentes frias e outros sistemas que têm perdido força no Atlântico Sul.

>> **Leia também:** [“Não há justificativa climática para pico de queimadas em São Paulo”, afirma cientista](#)

## Seca na Amazônia reduz chuvas no Sudeste e Centro-Oeste



Uma das principais diferenças está na umidade do ar. Enquanto a **Amazônia é uma das regiões mais úmidas do mundo**, [o Saara é uma das mais secas](#). Os volumes elevados de chuva, próximo à Cordilheira dos Andes, deve-se à ascensão da umidade, transportada pelos ventos alísios, da ZCIT.

A imagem acima mostra a precipitação média mensal para o mês de agosto, nos últimos 53 anos. Você pode ver que **a região do Saara não teve um único registro** significativo de chuva.

Já na Amazônia, choveu em média de 60 a 70 mm por mês, durante o período. [Seca extrema](#), como ocorreu naquela região desde junho do ano passado, [em razão do El Niño e do aquecimento](#) do Atlântico Norte, são eventos considerados incomuns.

A imagem abaixo mostra a **análise mais recente da chuva** para o estado do Amazonas. A linha preta destaca o volume normal de chuva, enquanto as linhas laranja (2023) e vermelha (2024) representa a seca.



Você pode observar que, desde junho de 2023, houve uma grande redução nos volumes de chuva, em relação à média histórica. Isso ocorreu por conta da [influência do El Niño](#) e do **aquecimento anormal do Atlântico Norte**. O

El Niño é o aquecimento anormal das [águas superficiais do Pacífico tropical](#).

A ZCIT é o principal sistema formador de chuvas para a região Norte e Nordeste do Brasil. Com o Atlântico Norte mais quente, ventos alísios de sudeste **mantêm a ZCIT muito afastada da Amazônia**, inibindo as chuvas e beneficiando o Saara. Esse é apenas um dos impactos indiretos que a posição da ZCIT na África pode ter no clima da Amazônia.

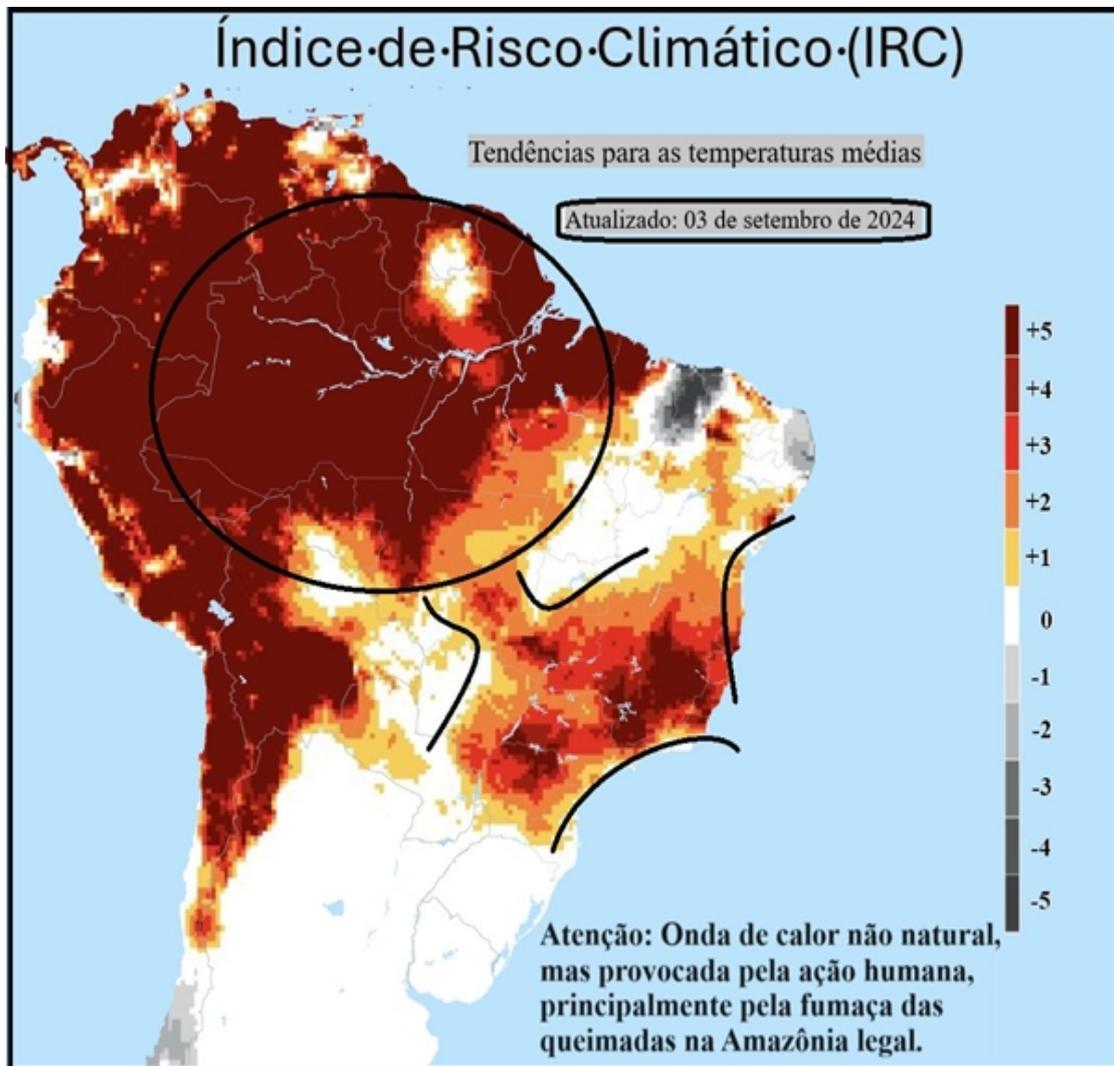
De acordo com modelos climatológicos do *Centro Europeu de Previsões Meteorológicas a Médio Prazo* (ECMWF), algumas **regiões do Saara podem ter volumes de chuva cinco vezes maiores** do que a média, neste início de setembro. Isso torna esse evento excepcional, [enquanto a seca persiste na Amazônia](#).

A previsão do Laboratório Lapis é que setembro seja **um mês de chuvas atípicas no Saara e seca na Amazônia**. “Seca na Amazônia tem como impacto menos chuva no Sudeste e Centro-Oeste. Essas duas regiões da área central do Brasil são impactadas simultaneamente, pois dependem da umidade vinda da Amazônia”, explica Humberto.

*"Como consequência, os 'rios voadores' se transformam em 'rios de fumaça', pois além da falta de chuva, a fumaça das queimadas se intensifica na Amazônia e os ventos a carregam para o Centro-Sul",  
completa o meteorologista.*

>> **Leia também:** [La Niña não vem, e agora? Laboratório divulga nova previsão climática](#)

## Setembro começa com alto risco climático da Amazônia ao Sudeste

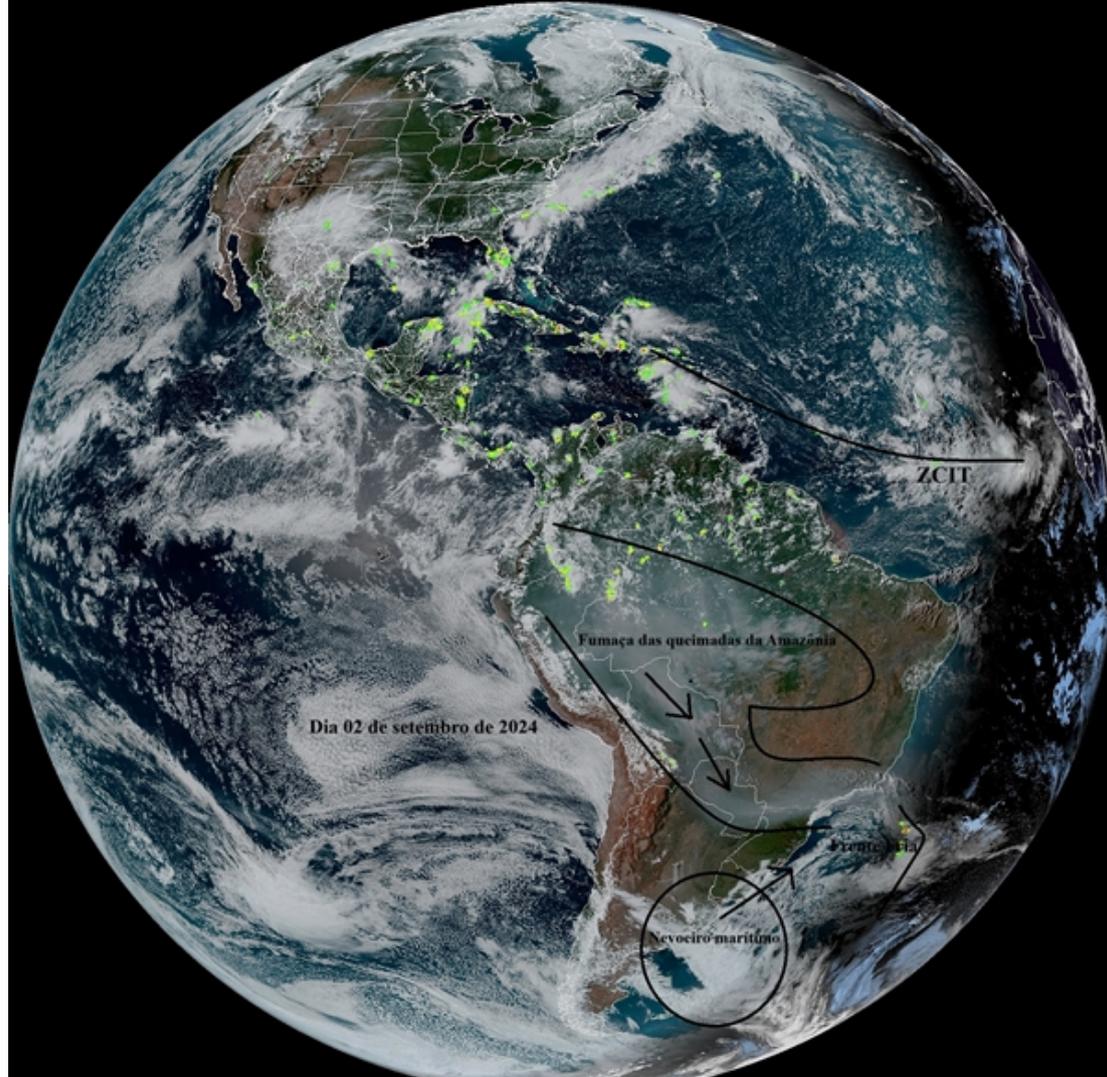


O Laboratório Lapis divulgou uma atualização sobre a [situação das temperaturas no Brasil](#). De acordo com o mapa do Índice de Risco Climático (IRC) para a terça-feira, dia 03 de setembro, **uma onda de calor está instalada** em áreas das regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Hoje, já é possível se estimar como a mudança climática alterou as temperaturas diárias, em qualquer localidade. O mapa é baseado no IRC, que varia de -5 a +5, **indicando a alteração nas temperaturas locais**. As altas temperaturas foram analisadas com base no modelo de previsão da NOAA e coincidem com áreas altamente degradadas.

*"Essa onda de calor no Centro-Oeste e Sudeste não é natural, mas provocada pela degradação das terras, principalmente pelo desmatamento e queimadas, em um ambiente de seca severa. As partículas de fumaça dos incêndios florestais na Amazônia Legal são transportadas para essas regiões e provocam uma onda de calor", explica Humberto Barbosa, fundador do Laboratório Lapis e responsável pelo monitoramento.*

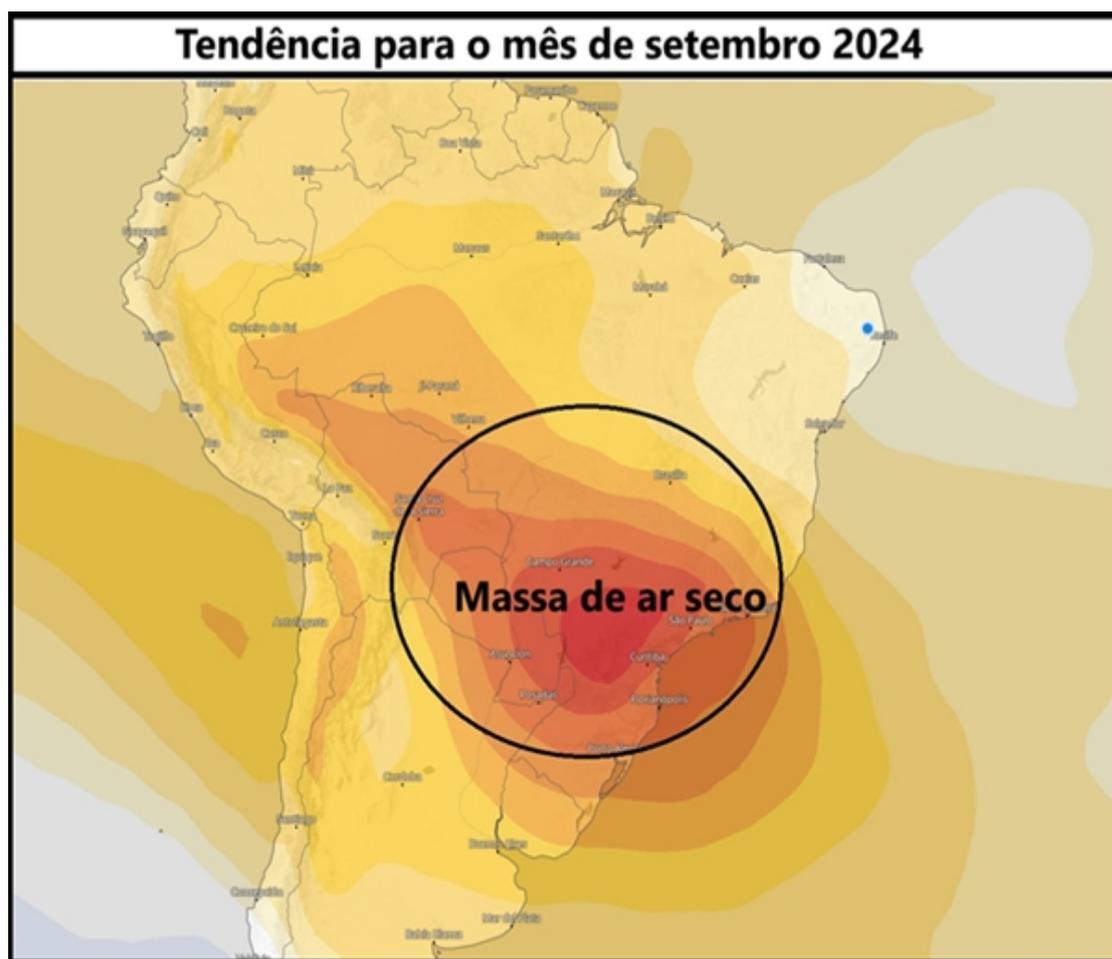
A imagem do satélite GOES mostra o [caminho da fumaça das queimadas desde a Amazônia](#) até a região Sudeste.



Destaca-se também **o forte aquecimento das águas superficiais** no Atlântico Norte e em áreas do Pacífico Norte (*Veja na imagem de abertura deste post*). A condição de neutralidade do [El Niño-Oscilação Sul \(ENOS\)](#) continua.

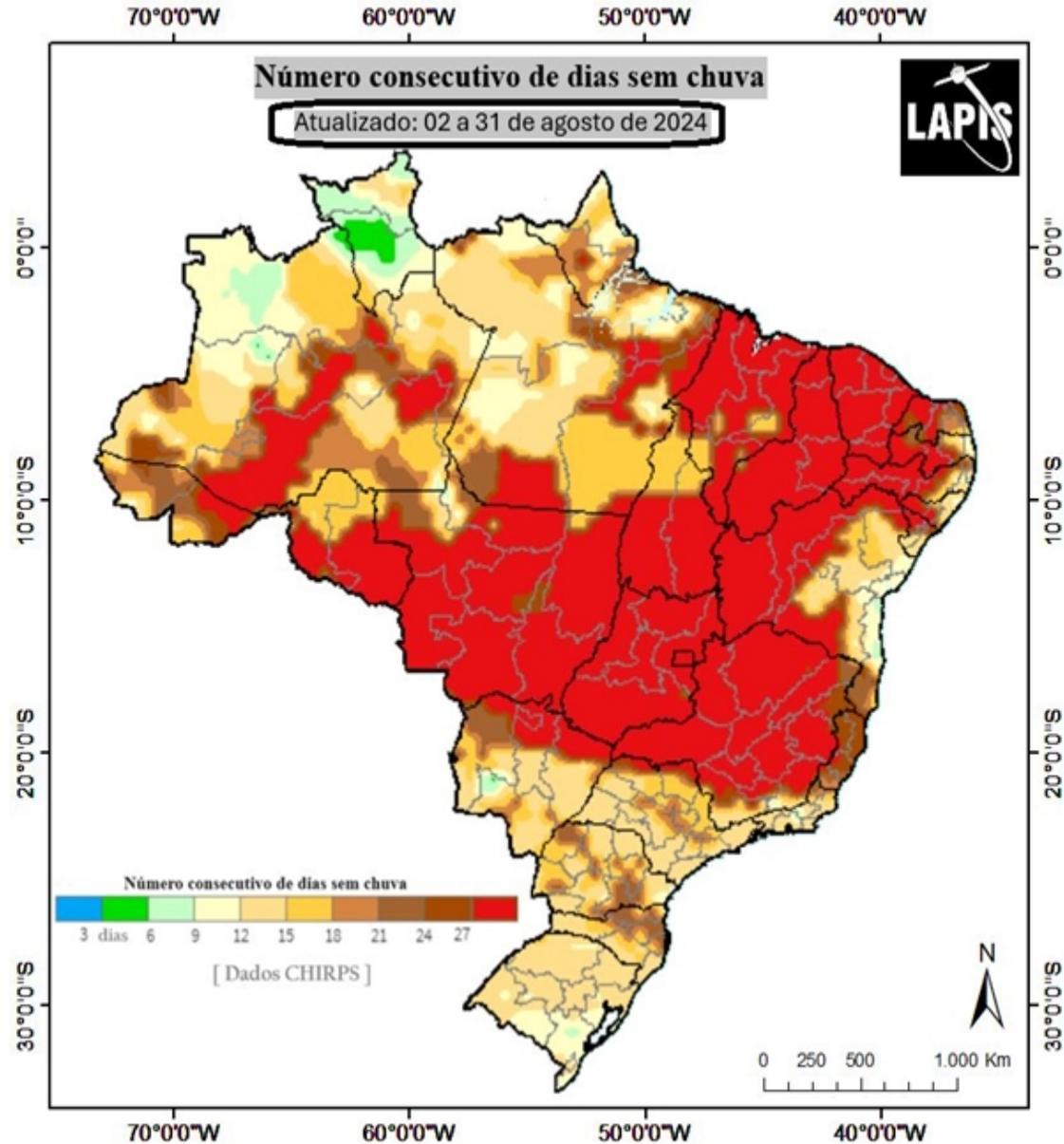
*“O resfriamento mais acentuado do Pacífico tropical (na região do La Niña) pode diminuir o impacto do aquecimento do Atlântico Norte e trazer um alívio climático para a Amazônia”, explica Humberto.*

Enquanto isso, a massa de ar quente e seco persiste sobre a área central do Brasil, dificultando a formação de chuva no [Sudeste e Centro-Oeste](#).



Desde o início de abril, esse bloqueio atmosférico afeta grande parte do País. **A previsão do Laboratório Lapis** indica possibilidade de a massa de ar seco permanecer neste mês de setembro.

Grande parte do Brasil continua enfrentando seca, após um inverno quente e com seca. A seca é um fenômeno climático complexo, que pode ser estimado de várias maneiras. O Laboratório Lapis utiliza **um conjunto de indicadores para avaliar a condição de seca** nas regiões brasileiras. Um deles é o mapa do número de dias consecutivos sem chuva.



Você pode observar no mapa do mês de agosto, que a seca continuou crítica na área central do Brasil (em grande parte do Sudeste e Centro-Oeste), além do Nordeste. Todavia, **houve melhoria na frequência da chuva** em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná.

>> **Leia também:** [Secas repetidas favorecem queimadas e poluição na Amazônia em agosto](#)

**Inscrições abertas**

Os mapas e imagens de satélites utilizados neste post foram gerados no QGIS, o **software livre de Geoprocessamento mais usado do mundo**. Para processar esses produtos, [você pode passar 01 ano inteiro](#) sendo treinado pelo Laboratório Lapis.

Inscreva-se no Curso online "Mapa da Mina", que ensina o método exclusivo do Laboratório Lapis **para dominar o QGIS, do zero ao avançado**, [clique aqui](#).

### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Copyright © 2017-2024 Letras Ambientais | Todos os direitos reservados | [Política de privacidade](#)

